



ANTES DO EMBARQUE PARA FRANÇA—Uma refeição volante

(Chêhé Benoliel)

Lisboa, 27 de Agosto de 1917

II SÉRIE—N.º 601

Ilustração Portuguesa

PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPAHHA

Assinatura Trimestre, 1\$45 ctv.—Semestre, 2\$90 cent.—Ano 5\$80 ctv. Numero avulso, 12 centavos

Numero avulso em todo o Brazil 700 réis.

Edição semanal do jornal

—O SECULO—

Director—J. J. da Silva Graça
Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.
Editor—José Joubert Chaves

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43—Lisboa

TELEFONE 134 NORTE

Pedro Sanchis

Motores, Dinamos,
Reconstruções e reparações
de maquinaria electrica
Instalações

LISBOA Largo do Intendente, 38, 39

PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina
Muito eficaz contra a
ASTHMA
Catarrho — Oppressão
35 Anos de Bom Êxito.
Medalhas Ouro e Prata.
B. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
6, Rue Dombasle
PARIS
UNION PHARMACIAE

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEFONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

A

Enterocolite mucosa-membranosa

e as suas complicações, curam-se por completo com a

LACTOSYMBIOSINA

Enviar consulta detalhada ao

LABORATORIO SANITAS - T. do Carmo, 1, 1.º, Lisboa

Loja MODELO Casa especial de espartilhos e meias. Uma visita ao nosso estabelecimento devem Vv. Ex.ºs fazer, a título de experiencia
R. OCIO, 4 e 5 — Telefone 2:566

Trabalhos tipograficos em todos os generos
Ofic. - Ilustração Portuguesa - 213 - R. do Seculo, 43 -

LOPES DE SEQUEIRA

Artigos de Modas e Rouparia
RUA DO OURO, 285 a 293



ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA

AVENIDA DA LIBERDADE, 23
LISBOA Telefone 3:641

Directora: Madame CAMPOS. Laureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra, Diplomada com frequência em massagem MEDICA, ESTETICA, PEDICURE, MANICURE, e tintura dos cabelos, pela Escola Françoza de Paris, d'Ortopedia e Massagem. Ex-massagista assistente do Hotel Dien de Paris. Antiga professora diplomada inscripta e premiada em diferentes cadeiras. Químico-Perfumista socia efetiva de diferentes Sociedades scientificas, etc. Tratamento pelos diferentes processos de maço-terapia, electroterapia e mecanoterapia. MAÇAGEM MEDICA E ESTETICA. CURA DA OBESIDADE: redução parcial da gordura.



Tratamento das rugas pela electricidade. Tratamento da pele manchada, pontos negros, sinais de bexigas, sardas, etc. Desenvolvimento e enrijamento dos seios. Processo absolutamente novo. Resultados surpreendentes com tres tratamentos e Informa-ções de senhoras que já fizeram esse tratamento. Para as ex-tes clientes da provincia tratamento especial por correspondencia. Metodo de evitar que os cabelos embranqueçam. Tintura de cabelos em todas as cores, com a duração de 2 anos.

Lavagem dos cabelos com secagem electrica a 50 centavos. Aparelhos, perfumes e produtos de beleza das melhores casas de Paris. Respostas mediante estampilha.

As

Dores de cabeça e neurasthenia

produzidas pela

PRISÃO DE VENTRE

curam-se, regularizando os intestinos com a

LACTOSYMBIOSINA

Não é purgativo. Enviar consulta detalhada ao

LABORATORIO SANITAS - T. do Carmo, 1, 1.º, Lisboa



Cartas da guerra

Aos que ouviam da energia actual da nossa raça — a antiga ainda ninguem ousou pôr em duvida — responde-se com as cartas dos soldados portuguezes em França. Nenhum artificio lhes mascara o pensamento, nenhuma palavra indica que se destinassem á publicação; são desabafos sinceros, para pessoas de familia; é a rudeza do serrano habituado a chamar ás coisas pelos seus nomes,



na sua linguagem limpida e ingenua como a agua dos regatos que descem dos verdes outeiros de Portugal. E uma nota canta sempre n'estes poemetos: a do amor da patria, a do desejo de que ninguem, aqui ou em paiz estrangeiro, amesquinhe o patriotismo portuguez.

Odios não se depreendem de taes escritos; foram-lhes recomendados em cartazes, ao mesmo tempo que se aconselhava a necessidade de se vigiarem os espiões, de se desprezarem os boateiros, etc. Seguiram estes preceitos? E' possível, mas um d'elles era desnecessario imprimir, porque no coração de todos vivia, bastando um simples apelo para despertar magnificamente. Ah! a portuguezes ninguem recomende que honrem a sua terra! E' uma injuria supô-los fracos ou adormecidos perante uma afronta ou quando simplesmente se lhes apresente o ensejo de levantar o nome de Portugal. Muitas vezes a sua voz não tem o tom enrouquecido e aspero da ira, mas tem sempre, como agora, a serenidade do dever, bem timbrada e forte.

Naturismo

A esta publicação acha se temporariamente adstrita uma outra, de feitto humoristico, o *Seculo Comico*, junção apenas aparente, obrigada por dificuldades da hora actual, que a seu tempo desaparecerão. Assim, assuntos que ali forem tratados humoristicamente são de responsabilidade propria e de modo algum a *Ilustração Portuguesa* está impossibilitada de igualmente os tratar; não é uma repetição, mas modos diferentes de encarar o mesmo ponto, segundo a indole do respectivo periodico. Ali, comentadores alegres teem seguido os trabalhos naturistas do sr. dr. Amilcar de Sousa, com a desculpavel irreverencia do riso; aqui, eles são encarados com o respeito que merece toda a obra em que existe a grande força da Fé.

E' o sr. dr. Amilcar de Sousa, parece-nos, o unico propagandista de facto das suas teorias entre nós; teima, multiplica argumentos, expõe-se como exemplo, publica livros, artigos diarios, procura convencer por todos os meios, recorre á literatura, á amisade, á politica, a tudo para que o seu sistema seja adotado, crendo que de ele advirá a redenção da humanidade.



Agora mesmo propõe ele a criação, nas universidades do paiz e na faculdade de medicina, de uma cadeira de naturismo puro. Será bem aceite a idéa? Conseguirá a sua realisação? E'-nos licito duvidar, visto que essa cadeira seria a supressão de algumas outras e a adoção do naturismo, a ser verdade o que advoga, arruinaria pelo menos duas respeitaveis classes, a dos medicos e a dos farmaceuticos, mas nem por isso a tentativa deixa de conquistar os elogios da crónica, que presta sempre homenagem aos crentes.

Lirios e rosas

Será a sentimentalidade um defeito da nossa raça? e pertencerá á nossa raça o exclusivo da sentimentalidade?

Defeito não crêmos que o seja. Em luta contra o que em sentido especial podemos chamar «positivismo», é possível que seja vencida; com o sentimentalismo veem a comiserção, a generosidade, que n'um embate contra a rudeza da fria razão, podem succumbir. Mas como compreender a vida sem a ternura, como suportar a crueldade sem o balsamo da idealisação? Pois não temperam agradavelmente a crua realidade os suaves accessorios de que a rodeamos, apagando-lhe quasi a dureza das feições?



E somos só nós os liricos? Não. Em Inglaterra organisou-se ha pouco um batalhão auxiliar de mulheres, alistadas voluntariamente e sujeitas á rijá disciplina do exercito; são, naturalmente, encarregadas de trabalhos compatíveis com as suas forças, o que não significa que sejam apenas trabalhos proprios do seu sexo. E os inglezes positivos, frios, pautados, rigidos, aparentemente não liricos, propuzeram que essas senhoras, de uniforme masculino, usem no «kaki» lirios e rosas como insignias.

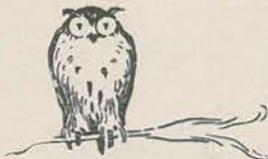
Um latino não teria idéa mais gentil; Correia de Oliveira, Augusto Gil, Lopes Vieira não propriam simbolo mais delicado. Lirios e rosas, como se fosse um regimento de portuguezas maneirinhas e cariciosas, destacadas para o front com a missão de embalar docemente os namorados quando, fatigados pela violencia do combate, voltam a descansar nas trincheiras. Lirios e rosas...

Na verdade vos dizemos, senhoras, que ides dar talvez o primeiro passo no caminho da paz. Pois qual será o inimigo, por mais germanisada que tenha a alma, que não se renda quando divisar no vosso uniforme os lirios e as rosas?

Livros

Sésamo, é o titulo de um novo livro de João do Rio, o eminente publicista brasileiro. Maravilha de conceito, maravilha de estilo, *Sésamo*, é bem digno da lingua portugueza. João do Rio, arqui-milionario da literatura, mais uma vez espalha ás mãos cheias as pedras preciosissimas dos seus incomparaveis tesouros. Bem haja.

Memorias e estudos. De novo o illustre ator Augusto



Rosa nos dá, familiarmente, as suas impressões de teatro e fóra do teatro, mas que com este se relacionam. E' um repositório a testemunhar que a cena não absorveu completamente o homem, de modo que temos a felicidade de o aplaudir quando quizermos; basta-nos abrir a estante e lê-lo.

Quatorze anos de administração municipal de Tomar—E' um trecho da historia da famosa terra dos templarios, que Torres Pinheiro nos conta em 100 paginas, durante o tempo em que administrou o municipio. São estes estudos regionaes que constituem a historia geral do paiz, não devendo julgar-se que pela sua limitação interessem apenas aos naturaes da localidade. O arquiteto que descuide as pequenas peças não pode contar com um edificio sólido.

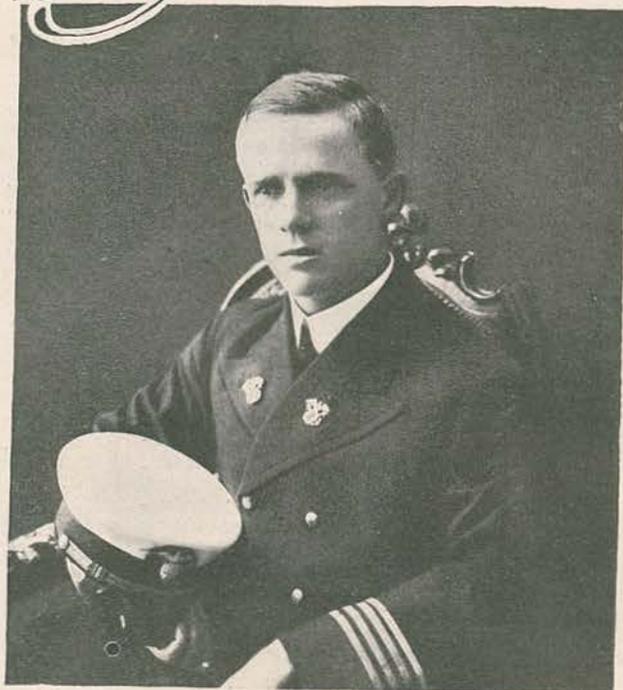
FACACIO DE PAIVA.

(Ilustrações de Hippolito Colomb).

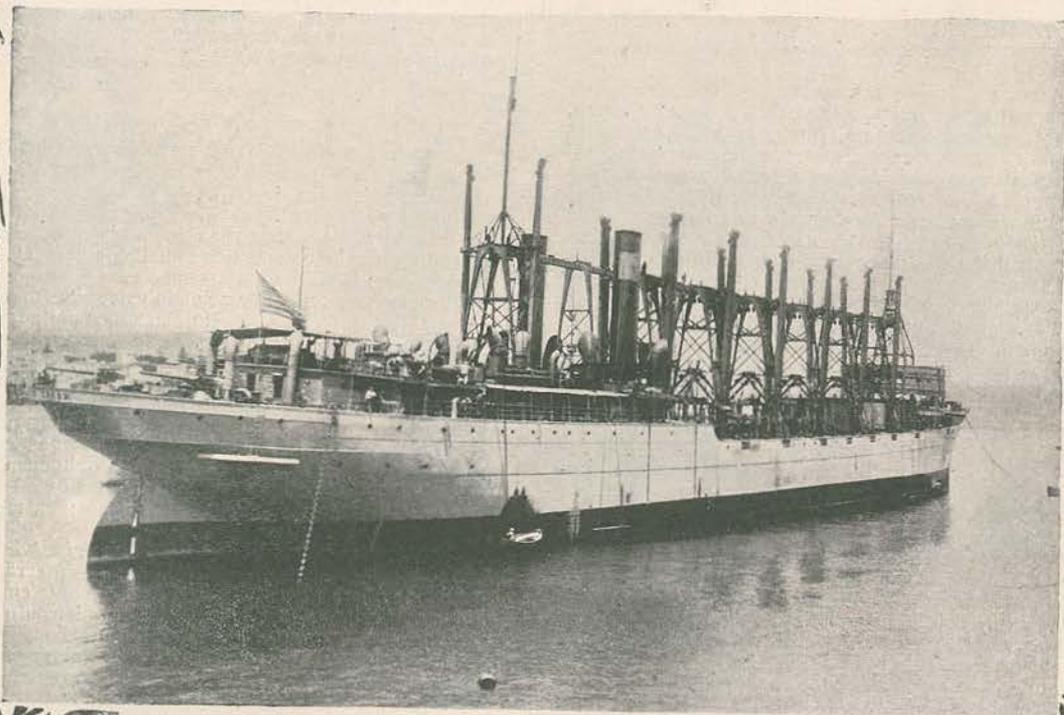
Portugal e a America

Não ha duvida de que, se não fosse a intervenção poderosa do transporte americano *Orion*, teria as mais funestas consequencias o ataque do submarino alemão, que se julga ter sido o «U 7», contra a ilha de S. Miguel, porque a defeza de terra é muito precaria. As peças do pirata eram de grande alcance e maior estrago fariam se as pontarias não fossem altas, por erro de calculo.

Não contavam os alemães que dentro do porto houvesse qualquer barco de guerra e por isso começaram um fogo intensissimo sobre a terra. A principio o *Orion* não lhe pôde responder com os seus quatro canhões, pela posição em que estava, pois recebia concerto na helice de estibordo, com a pôpa muito levantada; e, tão depressa se endireitou, o sub-

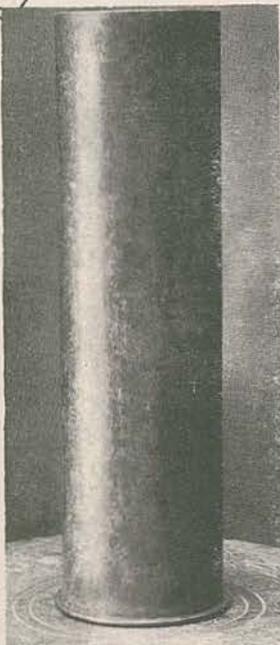


Mr. Boesch
Comandante do *Orion*.



O vapor americano *Orion* que desloca 10.875 toneladas

(Clichés dos distintos fotografos srs. Toste Sucessores — Ponta Delgada).



Capsula d'uma das granadas do submarino, de 15 centímetros de diâmetro, 57 de comprimento e 5,650 k. de peso.

marino sumiu-se para não mais aparecer.

A officialidade e marinagem do *Orion* foram alvo das mais comovedoras manifestações de estima e de agradecimento. Se até então a America era querida de Portugal e principalmente dos Açores, com que tem mantido sempre diretamente estreitas relações de amizade e de commercio, muito mais se

apertaram agora esses laços moraes e materiaes. O *Orion* largou de Ponta Delgada acompanhado dos *destroyers* tam-



Artilheiros do «Orion» com a ancora de fio es naturaes, oferecida pelos bombeiros voluntarios.

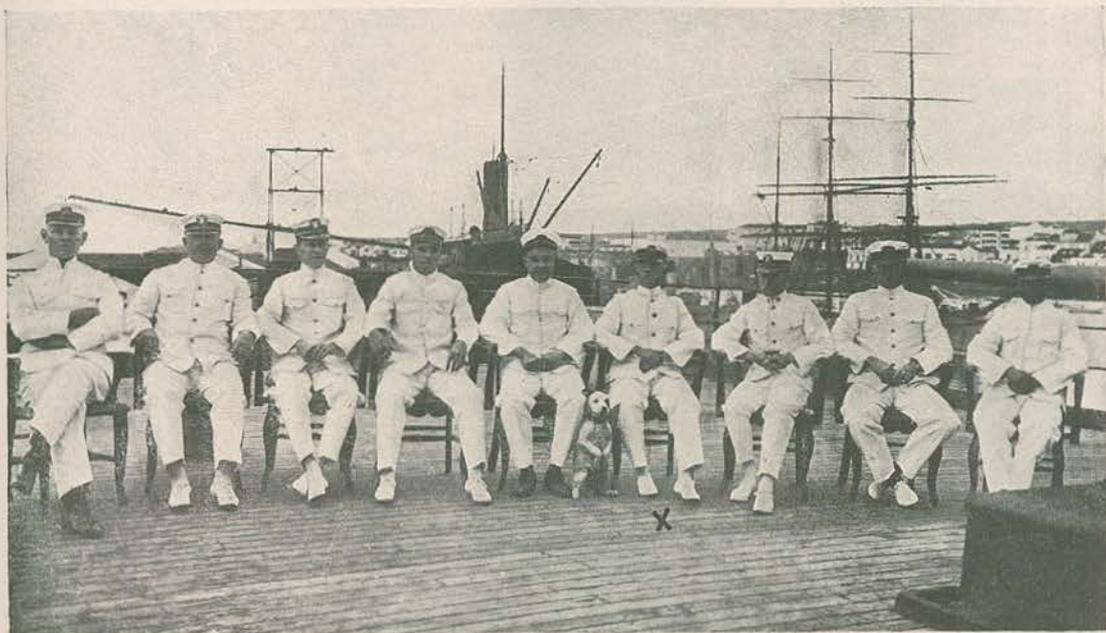


Tenente Joseph Flanagan
Chefe da artilharia de borço e o canhão que defendeu a cidade.

bem americanos *Lamson* e *Smith*, ambos de grande velocidade. No dia seguinte de manhã o *Lamson* estava de volta e dava entrada na doca. Cre-se mesmo



Mr. Gaskin
Artilheiro do *Orion*, chefe das peças da pópa.



Officiaes do *Orion* entre os quacs se vê o seu comandante (+)

(Clichés dos distintos fotografos s.r.s. Toste Suc. ssores — Ponta Delgada).



Maria Pacheco (ferida), irmã de Tomasia Pacheco, que morreu vítima d'uma granada do submarino.



Interior da casa atingida por uma granada do submarino e de que se publicou outro aspeto no numero anterior da *Ilustração Portuguesa*.
(Clichés dos distintos fotografos srs. Toste Sucessores—Ponta Delgada.

que já ficará ali para a vigilância dos mares dos Açores que parece será confiada a 5 *destroyers* americanos.

Todos estes «clichés» foram conseguidos por obsequioso intermedio do distinto funcionario da estação de saúde de Ponta Delgada, sr. Evaristo A. Afonso, dedicado amigo e correspondente do «Seculo» n'aquella cidade.



1. Feridas hospitalizadas, Maria Julia Carreiro, 45 anos, e a filha, Henriqueta da Conceição, 18 anos. Entre as duas a enfermeira sr.^a Francisca de Jesus Perelra. — 2. Sr. J. M. Figuelredo, telegrafista. — 3. Sr. Julio Lagôa, chefe da estação. — 4. Henriqueta da Conceição, filha de Maria Julia Carreiro. — (Clichés do distinto fotografo sr. J. M. Matos (Salão *High-Life*). — 5. Estação radio da Nordeita que primeiro avistou o submarino e que, reconhecendo as suas disposições hostis, se poz logo em comunicação com o *Orion*, o que constituiu um grande serviço prestado pelo seu pessoal.

Portuguezes em França



Sr. Manuel Miranda, alferes de artilharia.

1. Sr. Alfredo Augusto Alves, alferes miliciano de infantaria. — 2. Sr. Isalás Sardinha, alferes de infantaria.

COMEÇOU a atividade das nossas tropas expedicionarias no campo da luta. Já tem corrido muito sangue portuguez, em pró da civilização e dos mais sagrados direitos internacionaes, e paralelamente registam-se os mais brilhantes atos de bravura. Nem o nosso soldado se efeminou n'uma paz despreocupada de muitos anos, nem esmoreceu esse genio arrojado e cavalheiresco de raça que tanto nos caracterisou nas velhas lutas de terra e de mar. O soldado portuguez está-se batendo, como se o seu braço não se deshabituaesse de manejar uma arma por uma enxada, como se, ao menos, não lhe tivesse falta-



1. O 2.º sargento Joaquim Monteiro Raposo, morto em França. O desditoso rapaz era o unico amparo de sua avó Joaquina de Jesus Raposo, e era cunhado do tenente sr. José d'Almeida, atualmente tambem em França. — 2. Ilidio da Costa, soldado 149, d'infantaria 2, morto em França. Filho de Ildefonso da Costa (falecido) e de Amelia Maria, natural de Alfirim, Ceilmbra.



Sr. Julio Augusto da Costa Almeida, tenente d'infantaria.

do o treino que nunca nos preocupára para tão dura e exigente eventualidade, como esta.

Bate-se ele e bate-se o seu oficial com surpreza de

todo o mundo e orgulho no sso. Ainda, ao

contemplarmos esse belo grupo de officaes de infantaria 35, fotografado em França e que publicámos no nosso numero anterior, nos perpassou pela mente a idéa dos feitos heroicos de que ele seria capaz, e já hoje temos a registrar que

o seu batalhão foi o que mais rude embate sofreu no ataque da madrugada de 15 d'este mez, o mais violento que até então os alemães deram contra o nosso sector, chegando a entrar n'ele, para depois serem vitoriosamente repelidos

Pena tivemos que esta homenagem antecipada



Um grupo de officaes

que lhe prestamos não fosse completa. Bem quizeramos registar também o nome de cada um ao lado do seu ilustre comandante, major sr. Camara Leme; mas nenhum outro nome acompanhou a fotografia e só á gentile-



Officiaes do comboio automovel de transporte de feridos

za dos nossos leitores os poderes de dever, indicando-nos pelos numeros. Nem sequer o numero do regimento citamos, porque superiormente nos é isso vedado, como dar outras indicações que possam quebrar



Sr. Vieira e Sousa, alferes de engenharia.



Sr. Antonio Dias, alferes milliciano.



as reservas que a autoridade militar determinou manter, quebrando agora esta, que deixou de ter ra-



Grupo de officiaes portuguezes com uma dama franceza



2.º sargento enfermeiro, Julio de Sousa Brandão.



2.º sargento Antonio Coelho.



Grupo de sargentos de infantaria. Da esquerda para a direita : Pedro, Gramacho, Araujo, Jacinto, Virgino, Pompeu, Gomes, Gorjão e Moura.

zão para subsistir, em vista do comunicado oficial transmitido a todos os jornaes.



Sargentos de infantaria, Joaquim Augusto Quaresma e Herculano S. Boaventura Azevedo.



2.º sargento de infantaria, Leopoldo José Cerdeira.



1.º Sargento de infantaria, Augusto Saldanha e seu irmão José Carlos Saldanha, musico de infantaria.



Grupo de sargentos de infantaria. Da esquerda para a direita: José Mourato, Alfredo da Fonseca, Antonio José Tapada, Vasques Mesquita, Manuel Martins, Joaquim Gonçalves e Julio Batista Machado.



1. 2.º sarrgente de infantaria., Antonio Alves-Janelro.
2. Sargento ajudante de artilhaaria, Antonio de Figueiredo.



1. Soldado de infantaria, Silverio dos Santos Costa.—2. Soldado Antonio Mourato Loução.—3. 1.º cabo d'infantaria, Mario Franca de Campos.—4. 1.º Cabo de infantaria, José Jordão Guerra.—5. Soldado telegrafista, José de Barros.—6. Soldado d'infantaria, David Banto.—7. Soldado do batalhão de sapadores mineiros, Antonio Parracho Filipe.—8. 1.º cabo d'infantaria, José Parracho.—9. 1.º cabo da S. T. P., Joaquim de Avelar Sant'Ana.—10. Soldado da S. T. P. Avelino d'Araujo.—11. Soldado de artilharia, Julio Costa.—12. Soldado de infantaria, José Augusto dos Reis.—13. Soldado Augusto Ribeiro Moreira.—14. Ciclista de infantaria, Joaquim Pe-

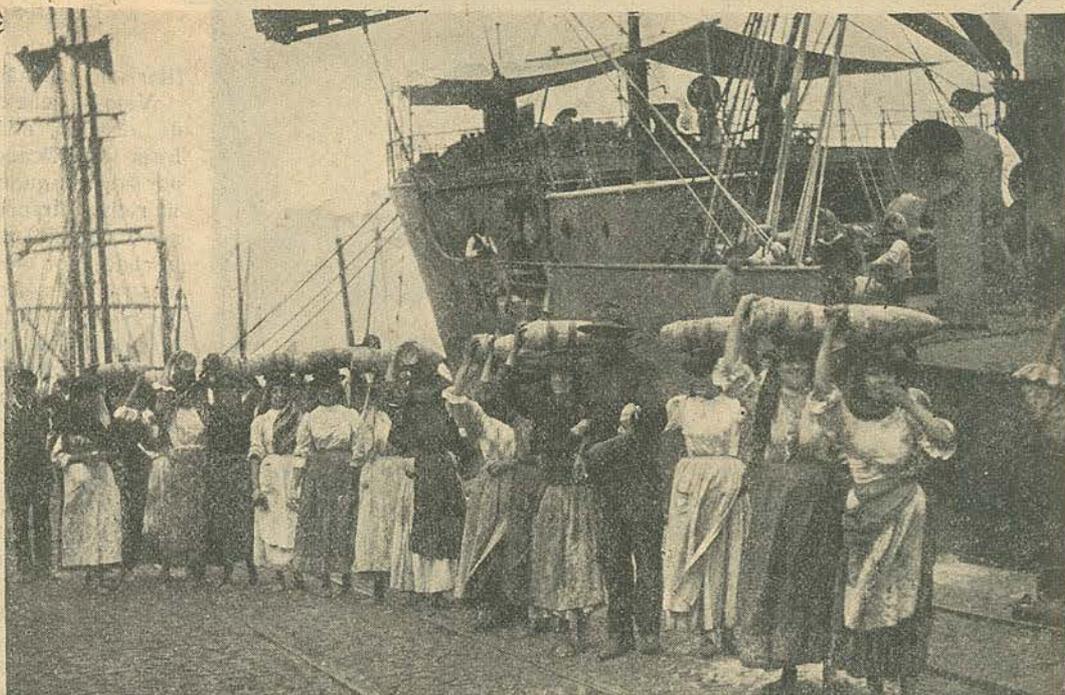
reira.—15. Soldado de infantaria, Manuel Gonçalves Matias.—16. Soldado de infantaria, Antonio Rodrigues Pereira.—17. Soldado de infantaria, Caromindo Teixeira de Figueiredo.—18. Fotorgrafo de uma ambulancia, Abel d'Almeida Correta.—19. 1.º Cabo de infantaria, Augusto Henriques.—20. Soldado de infantaria, José Carlos Banha.—21. 1.º Cabo do B. S. M., Zeferino Afonso de Campos.—22. Soldado de infantaria, José Pereira Matias.—23. Soldado Antonio Luiz d'Oliveira.—24. Soldado Adelino N. Videira.—25. Soldado de infantaria, José Joaquim Alves.—26. 1.º Cabo de infantaria, Manuel Mousinho Correia.—27. Soldado de artilharia, Romão de

Soldado de infantaria, José Batista, natural de Vila Nova de Ourem. Que é rapaz alegre e folgasso, o prova esta fotografia tirada juntamente com o seu camarada Lopes, vestindo este um fato de mulher. O Lopes é tambem do concelho de Vila Nova d'Ourem.



Castro.—28. Soldado do comboio automovel, Rodrigues Paes.—29. Soldado de infantaria, Manuel Pancas.—30. 1.º cabo de artilharia, Antonio da Costa.—31. Soldado de infantaria, Carlos Norberto.—32. Soldado do deposito de material, Alberto Battista Nolasco.

O ESFORÇO PORTUGUEZ



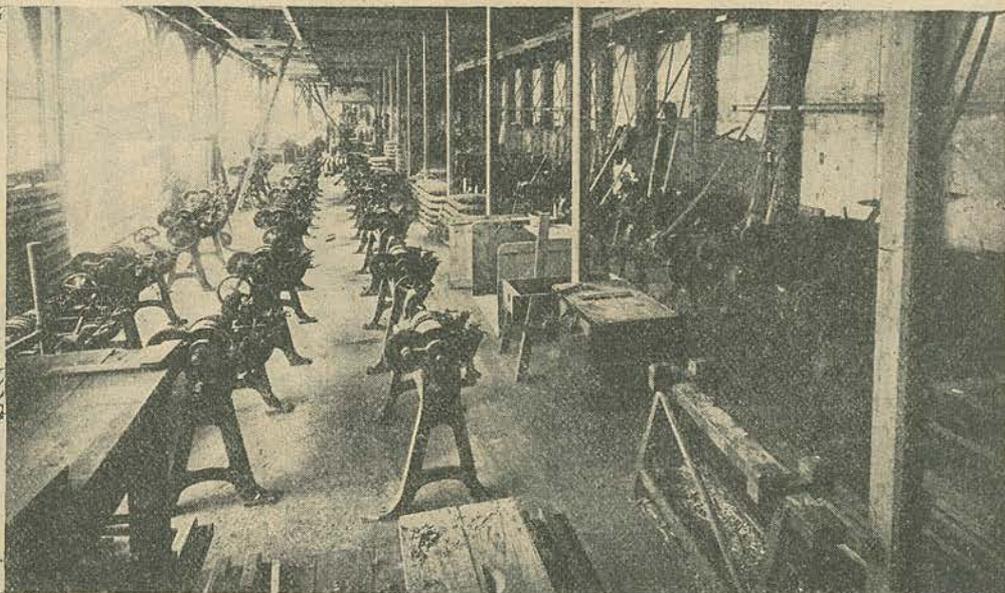
Lisboa.—Mulheres transportando as granadas para bordo do paquete que as levará para França

São d'um cidadão francez, devotado amigo de Portugal, as seguintes palavras, que imensamente nos penhoram, por frisarem calorosamente a forma elogiosa como é avaliada, por um estrangeiro, a energia, que temos dispendido.

— «Entre todos os auxilios que o vosso paiz —diz ele— tem prestado aos exercitos aliados, além do envio, para a França, dos vossos soberbos soldados, da cedencia á Belgica do vos-

o segundo lugar o da fabricaçõ de granadas de grosso calibre, destinadas aos povos que se batem, tão heroicamente, pela civilisação e pela independencia dos pequenos povos.

Esta fabricaçõ torna-se dia a dia mais abundante; já centenas de milhares de obuzes chegaram ao seu destino, saídos das officinas, que, especialmente dispostas para esse fim, ha em Lisboa e Porto.



Interior da officina

so excelente material de guerra, e, afóra tantas outras coisas importantes e apreciaveis, ocupa

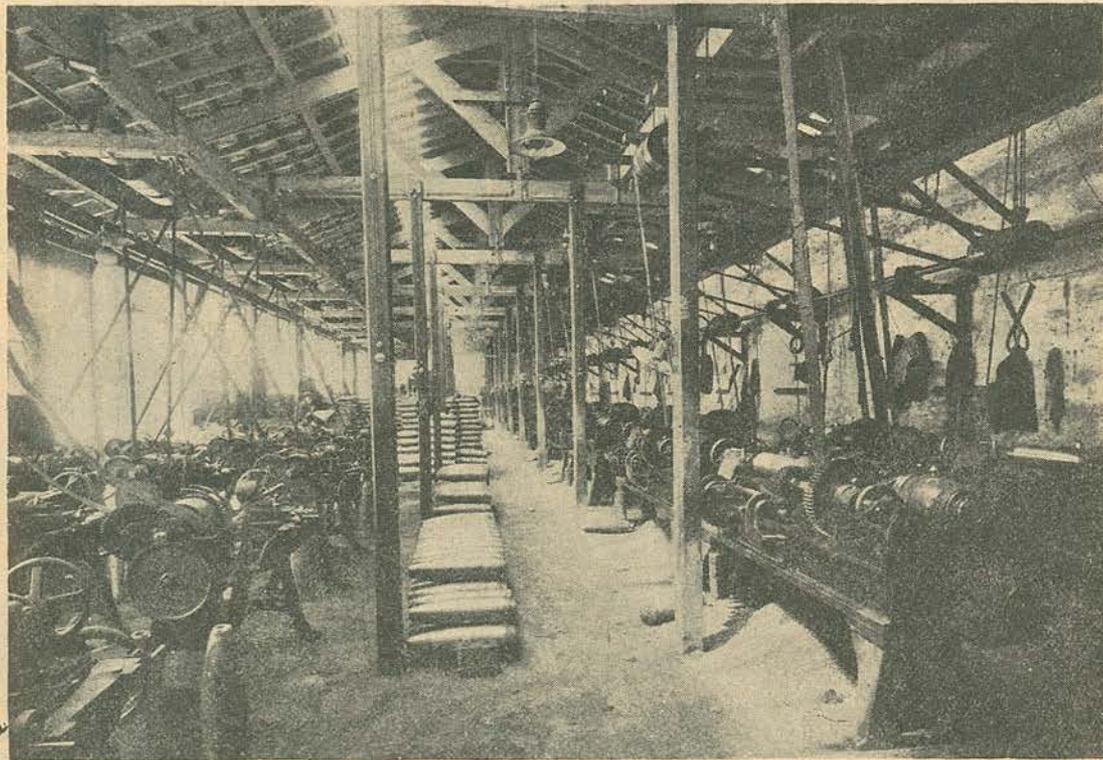
Pelos aspétos fotograficos d'uma d'elas, que do melhor grado vos cedo e estou certo não



Operarios e operarias trabalhando na imagem das granadas

deixareis de aproveitar, se poderá avaliar da atividade dos habéis operarios e operarias portuguezes, que merecem lhes prestemos a nossa homenagem pelo ardor e patriotismo com que contribuem para uma causa, que é tambem a de Portugal, (que eu aprendi já a amar como uma segunda patria) — o aniquilamento do mi-

cas, dos nossos inimigos, facilita a obra dos soldados de todas as nações aliadas, que lutam, em territorio francez, com uma admiravel coragem, e vinga os seus irmãos cahidos gloriosamente no «Campo da Honra» defendendo um dos mais belos e puros ideaes — o da Liberdade.»

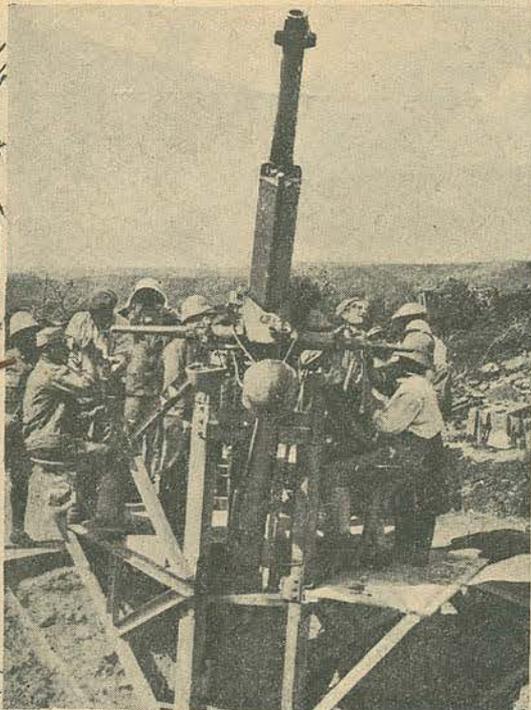


Vista dos tornos e do «stock» de granadas

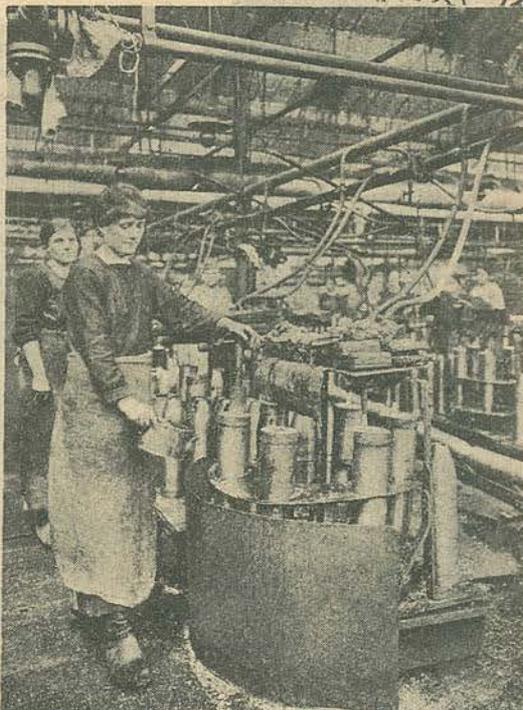
litarismo alemão. Vejo-os cheios de orgulho, aliás bem justificado, por saberem que os morteiros francezes 155 e 220, fabricados por eles, mostram aos «boches», disseminando metralha nas suas linhas, do que o seu paiz é capaz de fazer.

Eles não desconhecem tambem, e d'ahi a sua patente satisfação, que cada uma das suas granadas, cahindo nas fileiras, cada vez mais fracas,

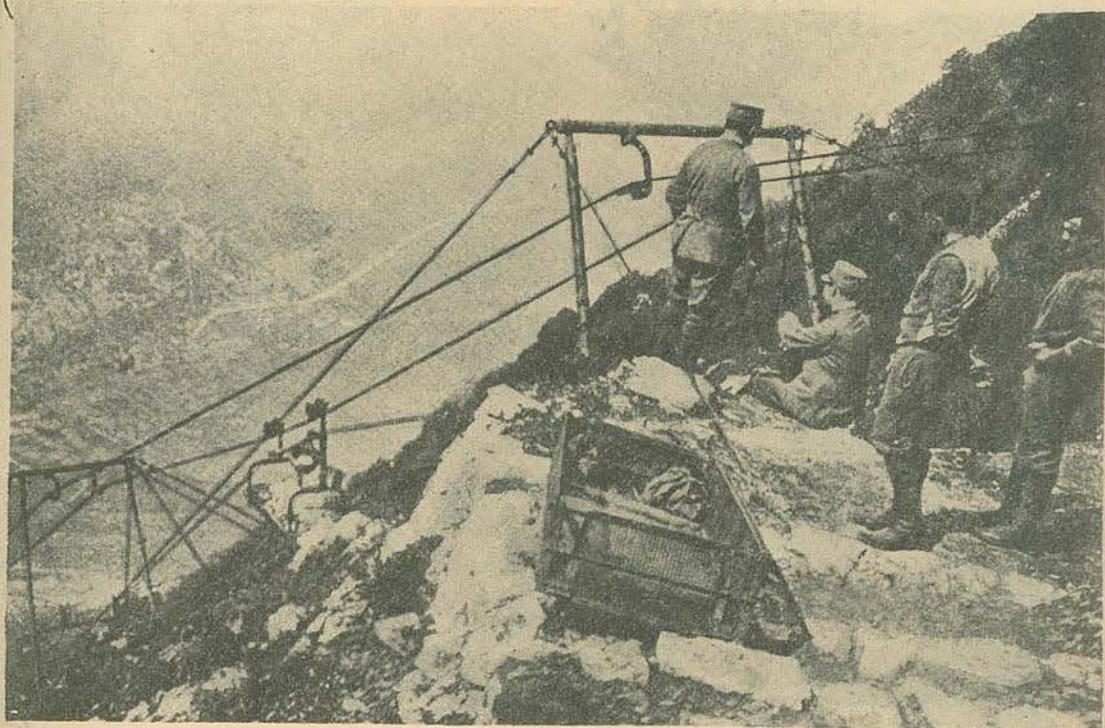
A GUERRA



*Na frente da Macedônia.—Bateria especial
contra aeroplanos.*



*Oficinas de guerra francezas.—Mulheres
empregadas no fabrico de granadas.*



Na frente italiana.—Transporte aereo das munições nas montanhas do Carse



N'um campo de instrução — Os americanos exercitando-se no uso da baloneta

Os americanos exercitando-se no uso da baloneta. A baloneta é um tipo de alvo usado para a prática do tiro. O alvo é constituído por um saco branco suspenso por uma corda de um poste de madeira. O tiro é feito com uma arma de fogo, geralmente uma espingarda ou um rifle. Este tipo de tiro é muito usado para a instrução dos soldados em campo.



No Marne. — Tropas senegalesas passadas em revista



Montões de cadáveres. — E' assombroso o numero de alemães mortos nos ultimos ataques. Ha trincheiras, onde a morte os surpreendeu a todos, não tendo muitos d'elles tempo nem sequer para mudar de posição e tentar servir-se de uma arma. Chega a parecer que alguns andam já tão exgotados de corpo e de animo, que a unica esperança de descanço que eles teem é no estilhaço mortal de uma granada ou n'um campo de prisioneiros.

Todos estes se confessam desanimados que não podem mais.



Em Champagne: 1. Cadáveres alemães n'uma trincheira. — 2. Aspetto desolador de um campo depois do combate.



Méninas da sociedade elegante vendendo frutas, doces e flôres durante a regata

A favor da «Cruzada das Mulheres Portuguezas» e sob a direcção do sr. visconde da Ribeira Brava, realisou-se no dia 29 do mez ultimo, promovida pelo Club Naval Madeirense, uma grandiosa regata á qual assistiu com entusiasmo a população madeirense, correndo pela

primeira vez as tres lindas guigas que o mesmo club mandou construir no estaleiro do Funchal, sendo a sua confecção feita por operarios madeirenses e podendo em tudo competir com o que de melhor se fabrica no estrangeiro. As varias fases da corrida entusiasmaram os assis-



O baptismo das guigas: ao fundo vê-se o governador civil do Funchal, sr. Jardim d'Oliveira, o sr. visconde da Ribeira Brava e o capitão do porto sr. Sales Henriques.

tentes que ocupavam toda a estrada e muralha da Pontinha, ouvindo-se repetidas vezes estrondosas salvas de palmas, ovacionando os sportistas que empregaram o melhor dos seus esforços para que a festa obtivesse um bom exito.

Durante os exercicios varias meninas da sociedade Funchalense organisaram uma *quêta* para o mesmo humanitario fim.

M.

Exposição de quadros artisticos



Com a assistência do sr. dr. Barbosa de Magalhães, ministro da instrução, que se fez acompanhar pelo sr. dr. João de Barros, secretario geral do seu ministerio, foi inaugurada, no dia 18 do corrente, no salão de festas da *Ilustração Portuguesa*, que se achava artisticamente ornamentado com colchas valiosas e grande numero de lenços da antiga industria nacional, uma interessante exposição de quadros e desenhos destinados á decoração mural das escolas, todos rubricados por artis'as de comprovado merito.



Encontravam-se tambem expostas aguarelas de Roque Gameiro e Alberto de Sousa expressamente pintadas para os *Quadros da Historia de Portugal* e grande numero de fotografias da guerra. O illustre visitante que foi recebido pelos srs. José Graça, sub-diretor d'*O Seculo*, Antonio Maria de Freitas, secretario geral, Paulo Guedes, editor dos trabalhos expostos, e Luiz de Judicibus, delegado da comissão da *Sopa para os pobres*, elogiou esta obra de educação nacional bem digna d'auxilio.



1. O sr. dr. Barbosa de Magalhães, ministro d'instrução, tendo á sua direita o sr. dr. João Barros, secretario geral do ministerio e á sua esquerda o sr. José Silva Graça, sub-diretor do «Seculo» e o expositor, sr. Paulo Guedes. — 2. Um aspecto da exposição. — 3. O sr. Luiz de Judicibus, membro da comissão da «Sopa para os pobres» e as sr.^{as} D. Maria Lucinda Sena, D. Beatriz Judicibus, D. Maria Amélia de Carvalho e D. Leonilda Rodrigues Ferreira que gentilmente se ofereceram para sollicitar donativos a favor da mesma humanitaria instituição.

FIGURAS E FACTOS

Dr. José Joyce. — Causou dolorosa surpresa em Lisboa, onde era uma das figuras mais distintas e estimadas, a noticia do falecimento do insigne clinico sr. dr. José Luiz Rangel de Quadros Joyce, antigo sub-delegado de saude e um dos nossos medicos mais abalisados pelo seu saber e experiencia.

Cnotava 57 anos e era na-



Sr. dr. José Luiz Rangel de Quadros Joyce

tural de Setubal. Sua esposa a sr.^a D. Maria Avelino Joyce e seus filhos srs. dr. Antonio Joyce, governador civil de Bragança, e Pedro Avelino Joyce, official do exercito, receberam provas bem significativas de quanto a sua dor havia sido compartilhada pelos muitos amigos e admiradores do distinto medico.



Sr. J. Horacio Alves de Azevedo

Horacio d'Azevedo. — Com uma sincope cardiaca, que o vitiou quando estava trabalhando no seu escritorio, faleceu

em Evora, no dia 30 de Julho preterito, contando apenas 32 anos de idade, o sr. J. Horacio Alves de Azevedo, abalisado diretor tecnico da Sociedade Alemtejana de Seguros *A Patria* e sollicito correspondente do *Seculo*.

O finado, filho estremecido do sr. José Antonio Alves de Azevedo, funcionario superior do ministerio das finanças, era muito considerado, não só pela sua inteligente atividade como pelo seu fino trato.



Sr. barão sr. Carlos de Faria e Melo

Carlos de Faria e Melo.

—O sr. Carlos de Faria e Melo, 1.^o barão de Cadoro, nasceu em Lisboa em 1849. Foi escritor e

jornalista e por tal motivo conviveu com os principaes homens de letras do seu tempo, como Guilherme d'Azevedo, Ramalho Ortigão, Alexandre da Conceição, Gervasio Lobato, etc. Escreveu varios romances com a designação geral de *Contos Largos*, entre os quaes: *Um Conto de reis*, *Diniz*, etc, Fundou com Gervasio Lobato a *Comedia Portugueza* e em Aveiro, mais tarde, fundou o tri-semanario *A Locomotiva*, que durou pouco tempo.



Sr. Miguel José Nogueira, distinto arquiteto, autor do predio construido no angulo da rua Tomaz Ribeiro, tornejando para a Avenida Lulz Bivar, ao qual foi adjudicado o premio Valmôr.

Já em trabalhos anteriores se revelára um artista de elevado merito que mais uma vez, e d'uma forma tão brilhante, se cofirma.



O predio premiado



Na Madeira: A colonia americana festejou o dia da sua Independencia convidando as autoridades portuguezas e varias pessoas em destaque na sociedade madeirense para um banquete. Grupo de convidados: 1. Sr. dr. Jardim d'Oliveira, governador civil do Funchal. — 2. Coronel sr. J. S. Rosa, comandante militar. — 3. Sr. Sales Henriques, Capitão do porto. — 4. Mrs. Passos Freitas, esposa do consul da America. — 5. Mrs. Magnus. — 6. Mrs. Oliveira Faria. — 7. Mademoiselle Sales Henriques, gentil filha do capitão do porto. — 8. Sr. Betencourt da Camara, capitão d'Infanteria 27. — 9. Sr. Humberto Passos, consul da America. — 10. Sr. Henrique Vieira Castro, banqueiro, 11. Sr. Rocha Machado, banqueiro, e outros convidados.

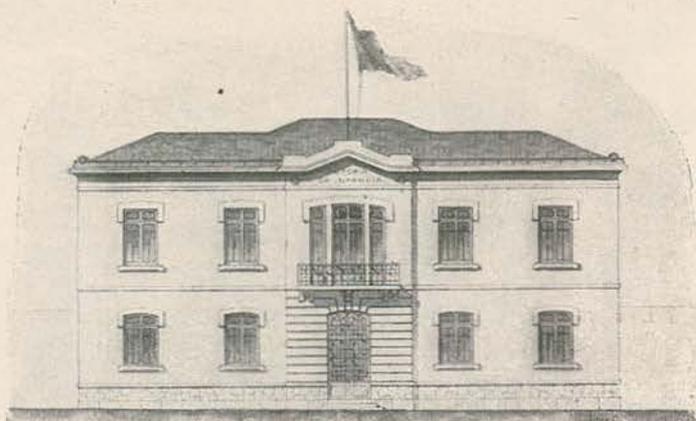
(Clichê dos distintos fotografos srs. M. O. Perestrelo & F.*).



Um grupo de amigos do sr. dr. Antão de Carvalho, por ocasião da visita à sua quinta do Miradouro (Pala). Da esquerda para a direita: os srs. João d'Almeida Brandão, chefe da estação postal; Antonio Ferreira, inspetor do caminho de ferro da Regua; Francisco Manuel da Costa Guimarães, inspetor do caminho de ferro de Vila Real; Dr. Luiz Antonio de Sousa; Dr. Antão de Carvalho, presidente da camara da Regua; Manuel Pinto de Magalhães, Camillo Guedes Junior, João da Silva Bonifacio, administrador do concelho da Regua; Manuel Costa e Almeida de Carvalho.

(Clichê do distinto amador sr. Antonio Teixeira).

Tutoria da Infancia. — Vae ser altamente melhorado, nas suas instalações, o tribunal de menores de Lisboa, ou *Tutoria da Infancia* — instituição presidida pelo sr. dr. Pedro de Castro, e a que o paiz já deve assinalados serviços. O Ministerio do Fomento, vae construir, junto do *Refugio* — ou internato dos pequenos delinquentes — ro Bom Pastor, á Graça, um edificio para secretaria, gabinetes de juiz e delegado, e sala de conferencias, e é o illustre arquiteto sr. Lino de Carvalho, que ao assunto deu o maximo da sua competencia profissional e do seu interesse pelo fim a que esse trabalho se destina, o autor do respectivo projeto — de que ho-



Projeto do novo edificio destinado á Tutoria da Infancia

je publicamos a reprodução fotografica — e o encarregado da direção tecnica da sua construção.

A PECADORA

(O ultimo livro de Sousa Costa)

O illustre romancista Sousa Costa que ultimamente nos deu na sua novela, *Regresso á Felicidade*, um magnifico trabalho de sintese, publicou, agora, com *A Pecadora*, um excelente romance d'análise primitivamente inserto em folhetim n'*A Capital* e que, reunido em volume, nos deixa apreciar d'uma forma mais concreta, mais positiva, todo o fio ligeiro d'uma intriga d'amor tratada superiormente com o talento d'um escritor de raça, girando em torno d'uma figura de mulher, onde se debatem paixões contraditorias e sentimentos desconexos, toda a miseravel existencia d'uma vida vivida, profundamente verda-

de côr e de vida, agindo e clamando em desespero e lagrimas, uma d'aquelas creaturas de fatalidade e de *morbidez* que sempre tentaram pelo imprevisto da sua psicologia, pelo inesperado das suas decisões, pelo misterio das suas dores, os retratistas da mulher contemporanea, desde Guy de Maupassant até Gabriele d'Annunzio. Pôz a maxima sobriedade no plano da sua obra atirando-lhe, em seguida, ás mancheias, a agitação desordenada e veemente que era a unica possivel, capaz de pintar sem claro-escuro uma alma incerta e arrebatada. Por isso no seu ultimo livro Sousa Costa reuniu as tres con-



deira e profundamente humana. Sousa Costa, escrevendo *A Pecadora*, detalhou um coração de mulher com a subtileza, o poder d'expressão que requerem as almas modernas para serem pintadas com vigor e com sinceridade. A figura de Leonor não destoaria na galeria suprema de Balzac, como um acessorio, como um complemento á serie tumultuosa e dolorida que vae desde a *Femme à trente ans* a *Lys dans la vallée*. Tem o cunho da verdade; tem, sobretudo, o cunho da histeria. Com a pena dissecadora de Paulo Bourget e a sinceridade quasi rude de Weston's-Hell, Sousa Costa pôe de pé, cheia

dições essenciaes que mutuamente se completam e só conjuntas podem erguer uma obra duravel; n'*A Pecadora* ha estilo, caracter e ação, servidos por um temperamento muito vivo, profundamente artista, com a indispensavel ponta de ternura e de emoção sem a qual não pode existir um escritor moderno pesquisando almas, debruçado sobre a vida. A *Ilustração Portuguesa* referindo-se ao ultimo trabalho de Sousa Costa, presta-lhe uma homenagem de todo o ponto justa pelo seu belo livro e pelo seu belo talento.

M. A.

A VENDA DA FLOR EM TORRES NOVAS

Um grupo de gentis senhoras de Torres Novas tambem promoveu n'aquela linda e importante vila a venda da flor que resultou uma das mais bri-



1. A venda da flor a dois velhotes, que iam a Torres fazer compras e que recebem com desconfiança o «assalto» das gentis vendedoras.

2. Uma das senhoras colocando flores em varias pessoas que se encontravam na Praça 5 d'outubro por ocasião do mercado.

lhantes que teem-se feito por esse paiz. A concorrência foi grande e houve uma admiravel profusão de flôres vendidas de uma fôrma encantadora e compradas com visivel prazer. A receita foi muito razoavel, sendo entregue á sub-comissão da Cruzada das Mulheres Portuguezas em Torres pelas benemeritas senhoras que a conseguiram.



Grupo de senhoras que tomaram a iniciativa da venda da flor

(Clichés do distinto amator sr. Antonio Puga).



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SECULO, 49—LISBOA

PÁS



— Não ha duvida de que todos estão d'acordo na pásada!

PALESTRA AMENA

Zarzuela

Esta Lisboa é para onde lhe dá. Em arte, principalmente, é uma grandíssima telhuda: se lhe dá para simpatizar com o artista, frequenta-o, adula-o, põe-o nos chifres da lua; se não, rua da amargura com ele. Mais ainda: com o mesmo artista simpatiza ou não, alternadamente, tributando-lhe hoje grandes zumbaías, amanhã lançando-o ao desprezo, ao esquecimento pelo menos. Exemplo, na arte dramática, o que aconteceu com o ator Novelli, nas duas primeiras vezes em que nos visitou. Exemplo atual—é isso o que justifica o introito d'esta substancial palestra—uma companhia de zarzuela que se tem ultimamente exibido no Terraço Bragança e que quasi ninguém frequenta, quando de outras vezes basta anunciar-se a aparição de uma galeuita dançante em estrado de feira, para lá cair meia Lisboa.

Pois em verdade vos dizemos que, espontaneamente, sem a mais pequena retribuição, nem a de uma simples *borla*, vamos em seguida fazer um reclamo á referida companhia, que não é peor do que outras que entre nós tem obtido exito, antes talvez melhor.

E' pequenina, não traz côros, mas em compensação traz tres comicos de verdadeiro valor e o que são tres atores comicos n'uma companhia de teatro diga-o o publico de Lisboa que conta teatros onde não ha nem um d'esses atores. As *típias* não são bonitas, nem tem grande voz, mas são aceitaveis e como as peças escolhidas são as que contam como papeis principiaes os masculinos, da falta de formosura interna e externa de gargantas não adveem grandes inconvenientes.

Isto quanto a *típias*, que se nos referimos a uma cantadora e bailarina, que se apresenta só com *su pareja*, se falarmos na *señorita* Teresa España, n'esse caso alto lá: temos formosura e formosura a valer, uma especie de *Aura née* Abranches, hoje Grijó, capaz de nos conciliar com o proprio *majo* que a acompanha, escanifrado cavalheiro que se rebola posterior e indecentemente quando ela se meneia e que, de olhos em alvo, solta as exclamações mais grandiosamente estupidas quando ela garganteia.

E' um crime, senhores e senhoras, o desprezo em que lançais a companhia que funciona no Terraço Bragança. Babastes-vos com o Nadal, não é assim? pois tendes lá um Muro mil vezes mais engraçado, sem esgares amacados, natural, ator, emfim. Caistes de cocoras perante a Imperio, não vos lembrais? pois ali encontrareis a Teresita, que vale muitos imperios—se se permite este trocadilho de duvidoso gosto.

Não temos razão? Pois deixem passar a guerra, aguçar o apetite dos saudosos da Pilar Marti, despertar o arrojo dos emprezarios, e aplaudireis em teatros de primeira ordem artistas hespanhoes inferiores áqueles a que nos referimos; é uma profecia facil de fazer por quem vos conhece.

N'esta altura, tendo-vos nós declarado que não nos movem ao reclamo considerações interesseiras, é possível que pergunteis:

—Mas então por que diabo se lembrou o «Neutral» agora de chamar a atenção pa a o Bragança?

Confessamos: porque estamos apaixonados pela Teresa España e porque, dando-nos ela um grandissimo sortão, acontece que estando apenas meia duzia de pessoas na plateia se tornam reparadissimos os olhos ternos e prometedores que trocam todas as noites, Neutral e ela. Muito nos conviria que a plateia se enchesse, para que as nossas manobras passassem despercebidas d'uma pessoa: da aludida *pareja*, que notando o namoro, todas as noites nos faz a defeita de se voltar de costas, sarcoteando-se em nossa intenção, a indicar-nos desprezo e injuria.

Rica Teresa!

J. Neutral.

Insignificancia

Afinal de contas tanto espalhafato para tres vezes nada coisa nenhuma! Toda a gente receava que as despesas da guerra excedessem as nossas facilidades pagantes; só o juro provavel, d'algum emprestimo que se fizesse, seria—ao que se calculava—de se porrem os cabelos em pé. E eis que de um momento para o outro o socego entra no seio da familia, tudo recae



no antigo optimismo, sem receio algum pelo futuro, bastando para isso que o nosso grande Afonso declarasse nas camaras que as tais despesas orçavam apenas por 10:000 contos por mez.

Bravo! E' um ovo por um rial, como passamos a demonstrar, com a aritmetica na mão.

Sendo a população de Portugal de seis milhões de pessoas e gastando-se por mez 10:000 contos, quanto cabe por dia a cada pessoa?

Tenham a bondade de dividir 10.000:000\$000 por 6.000.000. Dá de quociente 1666, não dá? bem. Agora queiram dividir 1666 por 30, que tantos são os dias do mez: temos 56. Isto é, se cada um de nós der 6 centavos por dia ao sr. ministro das Finanças ele paga as despesas da guerra e ainda fica com alguma coisinha para cigarros.

Não vale, pois, ralar. Quem é que não tem tres vintens por dia?

Brincando aos soldados

Sua santidade Benedito mais uma vez botou fala em latim, mostrando, como das outras vezes, que sabe muito de missas mas que de diplomacia e guerras não sabe patavina. Nem o caso deve admirar: os chefes de Estado, interessados no conflito, para bem fazer idéa dos acontecimentos, tem ido pessoalmente ao *front*—o papa imagina que no seu gabinete, brincando ás guerras com soldadinhos de chumbo,



está habilitado a tratar do assunto, de mais a mais pelo lado mais melindroso qual é o modo de satisfazer a amigos e inimigos.

Ora então amigo Benedito, deixe-se de ceremonias, monte n'um corcel, vá até Ypres e quando sentir bem o cheiro a polvora, quando vir de perto como elas mordem, fale em paz, faça propostas, intrometa-se na contenda.

E leve alguns cardeais mais belicosos que lá tenha á mão.

livros, livrinhos e livrecos

Cantarolas, de Antonio de Lemos —E' um poeta sempre moço, nascido e criado na cidade do Porto, que conhecemos versejando aos 20 anos e que hoje, orçando pelos 50, tem ainda o fogo da mocidade. Se não, leia-se esta amostra do que ele chama modestamente *Cantarolas*:

«O' vida da minha vida!
«O' vida do meu viver!
«Viver sem ti não é vida,
«Viver sem ti é morrer.

O' moça dos meus encantos,
O' minha pomba querida,
O' meu amor del cado,
O' vida da minha vida!

Teus olhos são como estrelas
Ou como a lua a nascer,
Tu és tudo para mim,
O' vida do meu viver!

Se me faltasses, cachopa,
Dava ao mundo a despedida
Porque, em verdade, confesso
Viver sem ti não é vida.

Se a luz dos teu olhar
Que hei de eu no mundo fazer?
Tu és sol, és ar, és tudo!
Viver sem ti é morrer.

Extraordinarios

Um amigo nosso escreve-nos de uma estação de aguas, onde costuma ir todos os anos e conta-nos que está admirado com o preço dos hotéis. Caros? perguntará o leitor. Qual! baratissimos, segundo anunciaram logo no principio do verão quasi todos os hotéis de praias e termas, declarando em grandes letras nos cartazes das estações de caminho de ferro: *Este hotel não aumentou a diaria.*

E vai então diz-nos o tal amigo que realmente a diaria do hotel onde está—que era dois escudos—não aumentou.

No fim da 1.ª quinzena, o mordomo apresentou-lhe a conta e lá estava na 1.ª parcela:

Diaria..... 30 escudos

Seguiam-se os extraordinarios:

Pão.....	15 escudos
Vinho.....	9 "
Fruta.....	34 "
Queijo.....	18 "
Assado.....	31 "
Café.....	5 "
Chá.....	5 "
Pimenta.....	8 "
Sal.....	3 "
Palitos.....	1 "
Lavagem de louça.....	10 "
Idem de guardanapos.....	8 "
Idem de toalhas de mãos.....	4 "
Idem de roupa de cama.....	5 "
Idem do «bidet».....	2 "
Banhos.....	7 "
Esfregadela de botas.....	1 "
Escovação de fato.....	1 "

EM FOCO



O gaitero

E' no logar das principais pessoas. Ornamento de toda a romaria; E' quem na procissão á frente guia, E' quem alterna as competentes loas.

As cachopas em peso—e são bem boas—Trazem no ouvido a rude melodia Que ele soluça, grita, ladra e mia A troco, por favor, de tres corôas.

Muitas vezes nas franjas do instrumento Se prendem corações, que é traiçoeiro Soprado e resoprado o som do vento;

E tanto que o prior disse ao sineiro Um dia, em confidencia, ciumento Que tinha pena de não ser gaitero.

Belmiro.

De pé atrás...

Dizem os jornaes que o Instituto Llorente, de Madrid, requisitou ao Jardim Zoologico de Lisboa varios quadrumanos «para estudos de investigação de paralisia infantil.»

N'uma parte se põe o ramo e n'outra se vende o vinho. Não é preciso ser muito esperto para perceber que o estudo de paralisia infantil não passa d'um simples pretexto.

Se bem se averiguar verão que se trata mas é de mais uma tentativa ibérica—d'esta vez por meio de cruzamentos.

Toda a cautela é pouca.

Em pró de Cabo Verde

Certo professor de dança disse, a proposito da «morna» de Cabo Verde, que esta era originaria dos selvagens d'aquela archipelago, e logo salta d'ali um defensor, o sr. Lopes da Silva, explicando que em Cabo Verde nunca houve selvagens. E para prova cita algumas pessoas notaveis, d'ali naturais, vivas e mortas, não se esquecendo, entre as vivas, do nosso amigo dr. Henrique de Vasconcelos...

Não é muito de aceitar este ultimo argumento, coloridamente falando.

Surriada!

Por fim de contas a bernarda ali da nossa vizinha Hespanha não durou quasi nada, podendo dizer-se que morreu á nascença.

E estavam os nossos vizinhos todos anchos, imaginando que d'esta vez não levariam a palma!

Sabem que mais, seus gabarolas? D'isso temos nós cá todos os mezes e nem falamos em tal!

De Roma

Telegramas dos jornaes de terça feira ultima:

ROMA, 21—As estatisticas officias demonstram que a população italiana aumenta, indo além das cifras normaes, apesar da guerra.

Consultados alguns cardeaes sobre o motivo do estranho facto, acham-no inexplicavel e afirmam a sua absoluta neutralidade.

ANEDOTA

Um funcionario publico foi consultar um medico.

—Com que então, disse-lhe este, continua a padecer das mesmas terribes insonias?

—E' verdade! e agora, o que é peor, é que nem sequer na repartição consigo dormir!

Os admiradores da kultura

Como os aliadofilos andassem por esse mundo fóra todos contentes com a noticia de que a America ia apresentar no teatro da guerra 100.000 aeroplanos, logo os germanofilos, que não podem ver uma camisa lavada ao inimigo, inventaram que os alemães vão empregar uns gazes asfixiantes de mais terribes efeitos do que os antigos.

Surprendemos ha dias uma conver-



sa a esse respeito entre um portuguez e um hespanhol.

O portuguez:

—Que me diz, *usted!* Gazes asfixiantes mais perigosos que os antigos?

—*Muchissimo más!*

—Não compreendo. Se os antigos matavam, como é sabido, que mais podem fazer os inventados agora?

—*Mire usted: los de ahora matan, resucitan y matan otra vez!*



A um criado, por chamar ás 8 horas.....	4 "
A outro, encarregado de tocar a campainha para as refeições.....	3 "
A outro, por deitar cuspo nas estampilhas....	2 "
A uma criada, por serviços não especificados.....	20 "
Total dos extraordinarios.....	196 "

Se dissessemos que o nosso amigo ficou a pular de contente, mentiríamos. Tanto que fez esta observação:

—E' tudo extraordinario! Afina!, o que é aqui ordinario?

—E' o hotel, respondeu o mordomo.

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

9.ª PARTE

O POMBO CORREIO

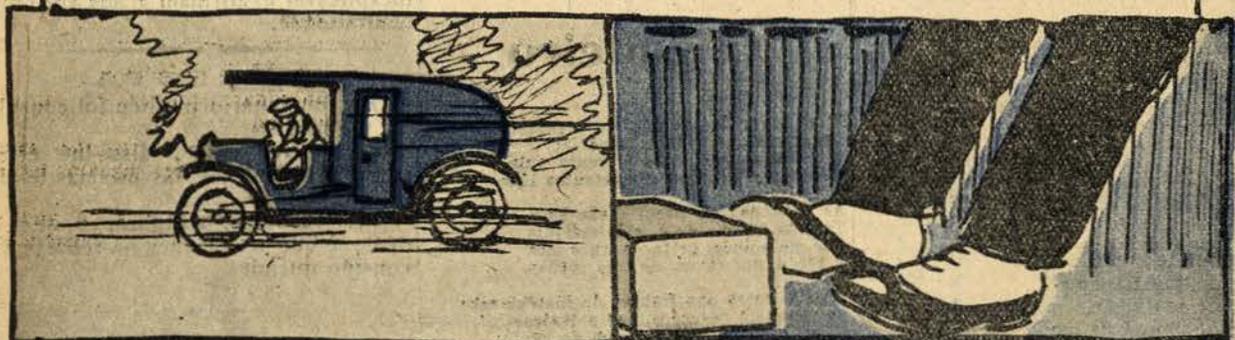
2.º EPISÓDIO

(CONTINUAÇÃO)



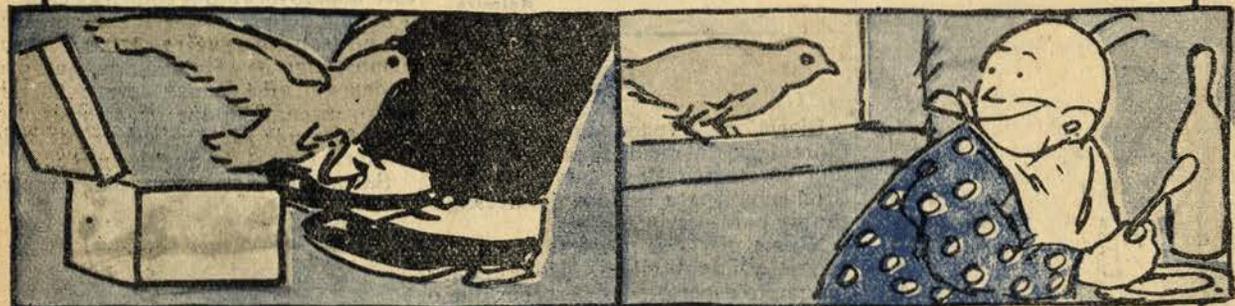
1.—Gil Goes chama um automovel de praça e diz ao «chauffeur» (que tem má cara para santo) que o conduza a casa.

2.—De subito, sente que duas garras de ferro o prendem á parede do automovel,



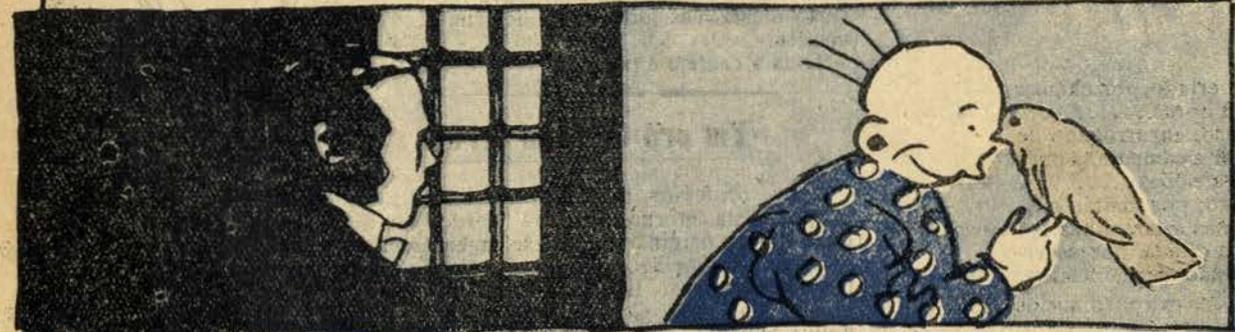
3.—que n'uma corrida infernal atravessa ruas, largos, campos...

4.—Então Gil Goes lembra-se da caixa misteriosa que o Manecas lhe oferecera e consegue abri-la com os pés.



5.—E logo de dentro da caixa sae um pombo, que pelo feitio do bico se vê que é correio.

6.—Achava-se o Maneca- a almoçar, quando entra pela janela o referido pombo correio, o que faz exclamar ao Manecas:—Aqui ha coisa!



7.—No entanto Gil Goes acha-se preso em calabouço tão incomodo como um quarto de hotel recomendado pela Propaganda de Portugal.

8.—Interrogando o talentoso pombo, Manecas sabe que Gil Goes fôra raptado, alem de outras coisas que o leitor virá a saber com pasmo.

(Continua)